RADUAN NASSAR E O SILÊNCIO DA ESCRITA

Maria Flávia Drummond Dantas*

RESUMO:

Situando o silêncio enquanto causa e feito da escrita, esse trabalho pretende apresentar uma aproximação possível entre o escrever e o psicanalisar.

PALAVRAS-CHAVE: silêncio, escrever, psicanalisar.

A questão desenvolvida nesta dissertação reporta-se a uma situação literária peculiar, senão inusitada, que chamamos, tendenciosamente, de "caso Raduan Nassar".

Raduan, homem de trajetória ímpar, apresenta-se como um sujeito movido por uma inequívoca inquietação: iniciando atividades que eram, invariavelmente, interrompidas, antes de sua convencional conclusão, sugere-nos a imagem de um ser em busca de algo que nomeamos, aqui, de *ponto de realização*.

Com a publicação de seu livro *Lavoura arcaica*, Raduan conquista uma rara condição no cenário da literatura brasileira: premiado um ano após o seu lançamento, o romance confere a seu autor um reconhecimento da crítica literária que permanece, ao longo desses vinte e poucos anos, inabalável, condição que a maioria dos escritores leva uma vida de trabalho para alcançar.

Apesar de escritor com uma quantidade reduzida de textos, sendo, no entanto, agraciado pela crítica através dos importantes prêmios literários que assinalam a qualidade de seus trabalhos, Raduan anuncia publicamente, em entrevista concedida à *Folha de S.Paulo*, após o intervalo de quase uma década do lançamento da novela *Um copo de cólera* (1978) — seu segundo e, até então, último livro —, o seu afastamento da atividade literária.

^{*} Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), 2000.

Belo Horizonte, v. 5, p. 1-305, dez. 2002

O que viria a ser o terceiro livro de Raduan Nassar, uma coletânea de textos escritos nas décadas de 60 e 70 (com excecão do conto "Mãozinhas de seda", escrito em 1996), o livro Menina a caminho foi publicado em edição comercial apenas em 1997.

Esta última publicação do autor, como que fechando um ciclo, expõe um traço peculiar da relação de Raduan com sua "criação" literária e, em última instância, com o público leitor, que vale ser observado: um intervalo, uma hiância, um tempo de latência entre o ponto final do texto e seu lançamento ao público.

Contudo, para nós, seus leitores, resta ainda a pergunta: o que terá levado esse escritor, tão bem acolhido pela crítica, a dar por encerrada a sua atividade literária tão precocemente?

Dessa singular circunstância em que o escritor instaura o silêncio da escrita, a pergunta insiste, dando lugar a uma produção de textos em número talvez maior do que os textos literários de Raduan Nassar: artigos de jornal, entrevistas, depoimentos, material de filmes, dissertações de mestrado, enfim, trabalho.

Entretanto, é curioso observarmos que esse silêncio já vinha anunciado em sua escrita: "em troca de seu barulho, dou-lhe o meu silêncio" (Nassar, 1997: 66). Naquilo em que essa afirmativa do escritor vem suscitar quanto à presença do silêncio na cena literária, o silêncio na escrita passa a impor-se enquanto ponto de partida para a trajetória que essa dissertação percorre.

Na efetivação dessa travessia — do silêncio na escrita ao silêncio da escrita — tomamos os textos literários do escritor no sentido de neles apontar o vazio engendrado pela escrita, vazio em torno do qual ela tece seu deslizamento, e, em seguida, tomamos os textos constituídos pelas entrevistas concedidas pelo autor, de tal modo a demonstrar a impossibilidade de responder à demanda que ali insiste.

Em que pese o fato de que, no encontro do escritor com seu público leitor, uma falta se inscreve no exato lugar em que se faz uma demanda por novas publicações, Raduan, sempre que convocado a responder por essa ausência de novos trabalhos literários, comparece à cena literária, não apenas sustentando seu lugar de escritor, mas também o de uma escrita em ausência.

Levando em consideração essa diferença que resta no intervalo entre a presença e a ausência da escrita, nossa trajetória é norteada por aquilo que, do silêncio, confere ao escrever o estatuto de ato, e faz do publicar um ato sem garantias.

Tomando, então, o "caso Raduan Nassar" naquilo em que ele nos instiga por sua dupla face — literária e psicanalítica — nossa abordagem do silêncio, para efeito de uma reflexão quanto a suas incidências, implicações e ressonâncias na cena literária, se desenvolve na confluência entre os campos da literatura e da psicanálise.

Sendo a escrita uma expressão de linguagem, tomamos como ponto de partida o pressuposto de que a função primordial da linguagem é tornar ausente aquilo que ela significa. Nesse sentido, a escrita, enquanto trabalho com a palavra, é o ato em que a realização da linguagem coincidirá com seu desaparecimento, já que a escrita é a justa transformação de uma linguagem em outra linguagem "em que tudo se fala, tudo é fala, mas em que a fala não é mais do que aparência do que desapareceu, é o imaginário, o incessante e o interminável" (Blanchot, 1987: 38).

Entender o trabalho da escrita enquanto a operação que realiza o desaparecimento da linguagem na linguagem, é desde já supor o silêncio implicado nessa operação. Porém, de que lugar o silêncio fará sua entrada na cena literária?

É em Maurice Blanchot que encontramos a concepção de silêncio com a qual operamos no desenvolvimento de nossas reflexões. Ele nos diz:

Escrever somente começa quando escrever é abordar aquele ponto em que nada se revela, em que, no seio da dissimulação, falar ainda não é mais do que a sombra da fala, linguagem que ainda não é mais do que a sua imagem, linguagem imaginária e linguagem do imaginário, aquela que ninguém fala, murmúrio do incessante e do interminável a que é preciso impor *silêncio*, se se quiser, enfim, que se faça ouvir. (...) Ninguém escreve se não produzir a linguagem apropriada para manter ou suscitar o contato com esse ponto. (Blanchot, 1987: 42)

Nessa perspectiva que Blanchot nos propõe, vemos o silêncio impor-se como condição intrínseca ao ato da escrita, condição fundamental à transformação exigida pela escrita à linguagem, transformação através da qual a palavra faz desaparecer as coisas para fazê-las aparecer enquanto desaparecidas, realização do visível no invisível. O que Blanchot nos sugere é que o silêncio, ao contrário de fazer oposição à palavra na substituição de uma presença por uma ausência, será

EM TESE Belo Horizonte, v. 5, p. 1–305, dez. 2002

suposto pelas palavras, já que o silêncio "é o mais alto grau dessa ausência que é toda a virtude de falar — poder dar um sentido, de nos separarmos das coisas para significá-las" (Blanchot, 1997: 41).

Mas "de onde provém a inquietante estranheza que emana do silêncio?" (Freud, 1976: 307), pergunta-se Freud em seu artigo "O estranho". Designando a escuridão, a solidão e o silêncio como os "elementos que participam da formação da ansiedade infantil, elementos dos quais a maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente" (Freud, 1976: 314), Freud situa o silêncio na origem do desamparo. Aí, uma questão se impõe: haveria uma aproximação possível entre essa peculiar experiência do desamparo e o silêncio enquanto condição intrínseca ao ato da escrita?

A partir do que nos suscitou essa questão, buscamos em Freud sua formulação quanto a condição do desamparo, encontrada em seu "Projeto para uma psicologia científica", artigo de 1895, mais especificamente, em seu modelo mítico da primeira experiência de satisfação do ser. Ali, Freud introduz não apenas a especificidade da noção de traço ao corpo teórico da psicanálise, traço que vai realizar sua inscrição no psiquismo no intervalo entre uma experiência de satisfação e outra, como também assinala a introdução do ser no simbólico, ao afirmar que a realização da experiência de satisfação em sua totalidade vai adquirir "a importantíssima função secundária da comunicação" (Freud, 1977: 421), em que ressalta ser "o desamparo inicial dos seres a fonte primordial de todos os *motivos morais*" (Freud, 1977: 424).

Não vamos entrar, nesse momento, no mérito da complexidade desse modelo que nos propõe Freud. Para que se possa cumprir o objetivo deste texto, basta termos em mente que, para Freud, o desamparo é o que se experimenta no reencontro com a presença silenciosa da ausência do objeto originariamente perdido, tornando-se a condição que desencadeará o processo que culminará na totalidade da experiência de satisfação, do qual resultará a inscrição de um traço no psiquismo.

A lógica desse modelo mítico em que uma cadeia de "traços de memória" vai se inscrevendo nos interstícios, nos intervalos de ausência e silêncio, "na diferença indiscernível e invisível" (Derrida, 1995: 221-222) entre uma e outra experiência de satisfação, remete-nos à noção de escrita, ao que Jacques Derrida observa: "os traços não produzem portanto o espaço de sua inscrição senão dando-se

o período de sua desaparição" (Derrida, 1995: 221-222). Isso quer dizer que a escrita psíquica é impensável sem o recalque, uma vez que o trabalho que a define enquanto tal efetua-se na busca da "identidade de percepção", visando ao reencontro com o traço originário: "somos escritos escrevendo" (Derrida, 1995: 221-222), afirma Derrida.

Lacan, por sua vez, em seu retorno a Freud, não apenas resgata as noções introduzidas no "Projeto", resto de uma obra, como também resgata a especificidade da via através da qual o inconsciente se faz apresentar, afirmando ser a descoberta de Freud "do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do retomar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização do ser" (Lacan, 1998: 276), redimensionando, assim, o lugar, a função e o limite da linguagem quanto à prática psicanalítica.

Na estrutura de linguagem, Lacan aponta-nos uma hiância ressaltando sua dimensão de causa e efeito de discurso: "pelo discurso analítico o sujeito se manifesta em sua hiância, ou seja, naquilo que causa o seu desejo" (Lacan, 1985: 20). E o desejo, em sua origem, é desejo de completude plena, o que vai se expressar através da demanda de amor: "o amor visa o ser, isto é, aquilo que na linguagem, mais escapa..." (Lacan, 1985: 55), nos diz Lacan.

No que aí se perde, falha que é furo na linguagem a revelar seu ponto de fracasso no justo lugar do impossível de fazer de dois, um, Lacan escreve a letra a, para designar o objeto que virá funcionar em relação a essa perda como objeto causa de desejo.

Ao gesto que desenha a letra no exato lugar em que a estrutura falha, Lacan confere sua significância: "Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito de discurso que se chama escrita" (Lacan, 1985: 49).

Essa operação, tal como a efetua Lacan, conduz-nos à dimensão da escrita enquanto trabalho que visa à construção daquilo que poderia vir fazer suplência ao que falta, o objeto. Circunscrevendo essa perda, o trabalho da letra é o que tenderá à sutura do furo, efetivando esse vazio enquanto fundante de qualquer construção

EM TESE Belo Horizonte, v. 5, p. 1–305, dez. 2002

simbólica, para encontrar seu limite naquilo em que dela faz rasura, pondo em evidência a ausência do objeto ao tracar seu contorno.

É ao longo do desenvolvimento das implicações desse incessante movimento de escrever o que não se escreve, *a coisa de desejo*, que Lacan reconhece e legitima a estreita articulação entre a psicanálise e a literatura. Para tanto, dedica um seminário exclusivo ao tema "Lituraterra", em que nos brinda com a feliz metáfora do litoral para sugerir a tangência e a distorção entre esses dois campos.

Se, como vimos com Freud, o desamparo é o que se experimenta ante a ausência do objeto originariamente perdido, com Lacan vimos que o trabalho da escrita busca circunscrever essa perda, esse vazio que funda o fazer criativo do homem.

No entanto, o trabalho realizado pela letra através do ato da escrita, ao efetivar o vazio enquanto fundante de qualquer construção simbólica, instaura um paradoxo, na medida em que, uma vez efetivando o vazio, coloca-o também em evidência, remetendo o sujeito ao reencontro com a perda original, denominado por Freud de desamparo.

Como um trabalho de um luto, posto que aí se dá uma operação de separação implicando a realidade factual de uma não-resposta à demanda, a escrita vai fazer o contorno desse vazio estrutural do ser, procurando escrever o que não cessa de não se escrever: as coisas de desejo.

Escrever é fazer eco do que não pode parar de falar — e, por causa disso, para vir a ser o seu eco, devo de uma certa maneira impor-lhe silêncio. Proporciono a essa fala incessante a decisão, a autoridade do meu próprio silêncio. Torno sensível, pela minha mediação silenciosa, a afirmação ininterrupta, o murmúrio gigante sobre o qual a linguagem, ao abrir-se, converte-se em imagem, torna-se imaginária, profundidade falante, indistinta plenitude que está vazia. Esse silêncio tem sua origem no apagamento a que é convidado aquele que escreve. (Blanchot, 1987: 17)

Retornando ao nosso "caso Raduan Nassar", observamos que, no momento em que é tornada pública a decisão do autor de abandonar a atividade literária, a escrita, tendo recebido o seu ponto de basta, cede lugar, então, à fala do autor. Freqüentemente convocado a responder pela ausência de novos trabalhos no campo da literatura, Raduan concede algumas entrevistas.

A recorrência de tal pretexto — responder pela ausência de — vai nos dizer de uma insuficiência na fala do autor, visto que seu "interlocutor" não se dá por satisfeito. Por outro lado, observa-se que é precisamente essa insuficiência, essa falha na fala do autor, que a torna atraente, exercendo poderosa força de atração, mantendo vivo o interesse do "interlocutor" na fala do autor, concorrendo, assim, na sustentação do mistério que se constituiu em torno de Raduan Nassar, a partir de seu ato de parar de escrever.

Denunciando a fragilidade dos limites que separam a ficção e a realidade, o texto estabelecido pela fala do autor vem oferecer-se como uma tentativa a preencher o vazio criado pela ausência da escrita, oferecer-se a fazer uma suplência a essa falta.

Muitas foram as tentativas de se forjar uma justificativa para explicar o ato de parar de escrever do autor. E, como bem disse Blanchot, "renunciar a escrever quando se provou ser um grande escritor não pode se dar sem mistério" (Blanchot, 1997: 152), principalmente ao considerarmos que a escrita, enquanto ato, implica uma quebra do vínculo que une a palavra ao eu, para fazer-se eco do que não pode parar de falar, impondo-lhe silêncio. Um silêncio que tem sua origem no apagamento a que é convidado aquele que escreve, desvelando uma experiência peculiar do morrer, experiência fundamentalmente diversa do suicídio autoral que nos sugere o ato do autor.

É justamente nessa experiência de *estar a morrer no texto*, da qual nos fala Blanchot, no tempo do reconhecimento do real do não-saber dessa morte, que aquele que escreve irá autorizar-se a perseverar: "Aí está a verdade da experiência: é preciso perseverar (...), manter a preocupação da realização e o direito à perfeição, suportando a aflição de um fracasso irremediável" (Blanchot, 1987: 186).

Como um canto de sereias, a invocação ao ato da escrita convida a *estar* a morrer no texto. A esse canto falhado, estranho e atraente em sua imperfeição, Raduan já não pode responder sim. No insuportável do ponto mortal em que a falha do canto é movimento para o canto, movimento da transformação das coisas do mundo no inapreensível, metamorfose do visível no invisível, transformação que é despossessão de si próprio no fascínio e na solidão da ausência do tempo, a esse insuportável, Raduan furta-se, esquiva-se no tênue limite para uma morte talvez definitiva na aridez e secura do deserto, onde o silêncio queima todo acesso ao canto, o porvir do canto.

Belo Horizonte, v. 5, p. 1-305, dez. 2002

Nesse sentido, o mistério que envolve o "caso Raduan Nassar" toma

proporções de enigma, capturando-nos na busca por uma resposta que o desvendaria.

Uma busca vã, pois dessa resposta nós só podemos nos aproximar, posto que toda fala

que se enuncia com este fim acaba sempre por se revelar insuficiente.

Constata-se, assim, que o saber da intenção subjacente à posição assumida

pelo autor em nada atenua o desamparo experimentado no encontro com a ausência

evocada no ato de Raduan, quando este dá por encerrado seu projeto literário. O que

fazer com o saber desse encontro, naquilo em que ele nos leva a refletir acerca das

vicissitudes de uma escrita, é o que pode estabelecer alguma diferença para o nosso

caso em questão.

Daí então, no rastro dos sentidos blanchotiano e lacaniano da escrita e,

respaldados pelo depoimento de outros escritores como Marguerite Duras e Franz

Kafka, que afirma ser também escritor quando não escreve, reconhecemos que Raduan

Nassar sustenta-se no limite do insustentável, nessa "quimera que provoca a loucura"

(Kafka, 1983: 175), como observa Kafka, que consiste em ser escritor mesmo quando

não se escreve, permanecer escritor no silêncio, apesar do silêncio.

Portanto, resta-nos assinalar o que o ato de parar de escrever do

escritor comporta de uma escolha, mas de uma escolha forçada na medida justa do

desejo, do desejo que sustenta o escritor como escritor, apesar de uma escrita em

ausência.

Assim, entendemos que a escrita de Raduan Nassar realiza-se em seu

desaparecimento, no limite em que "há coisas que melhor se dizem calando" (Assis,

1982: 158).

ABSTRACT:

Understanding silence as cause and effect of writing,

this work intends to present a possible link between the

act of writing and the act of psychoanalysing.

KEY WORDS: silence, act of writing, act of psychoanalysing.

280)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

____. A parte do fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DERRIDA, Jacques. Freud e a cena da escritura. In:
_____. A escritura e a diferença. São Paulo:
Perspectiva, 1995.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: ____. Uma neurose infantil. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XVII.

_____. Projeto para uma psicologia científica. In: $\overline{Publica}$ ções pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. I.

KAFKA, Franz. Escritos de Franz Kafka sobre sus escritos. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 1983. (Trad. Lucia Castello Branco.)

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____. *O seminário. Livro 20: mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NASSAR, Raduan. *Menina a caminho.* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.